

Características dos produtores de leite do RS: uma análise a partir do Corede Nordeste*

Marco Antonio Montoya**

Economista, Mestre em Economia Rural pela UFRGS, Doutor em
Economia Aplicada pela Esalq-USP, Professor da Universidade
de Passo Fundo (UPF)

Eduardo Belisário Finamore***

Doutor em Economia Aplicada pela Universidade Federal de
Viçosa, Professor da Faculdade de Ciências Econômicas,
Administrativas e Contábeis da UPF

Resumo

O artigo, a partir de uma perspectiva regional, tem como objetivo caracterizar os produtores da matéria-prima leite, do Corede Nordeste do Rio Grande do Sul, em suas relações com o mercado que o circunda. Para isso, programou-se uma pesquisa de campo com uma amostra de 190 produtores de leite. Verificou-se que o produtor dessa região está trabalhando na atividade há 15 anos, apresenta um grau de escolaridade baixo, e o manejo é exercido, em 70,83%, pelas esposas, inclusive o das receitas e despesas. Observou-se que as informações de manejo e gestão dos rebanhos recebidos pelos diversos agentes do mercado não são compatíveis com a necessidade de mercado que almejam. Finalmente, concluiu-se que os principais problemas da produção são o preço do leite e a falta de crédito rural a taxas de juros compatíveis com a atividade leiteira. Esses fatos constituem empecilhos para acelerar ainda mais o desenvolvimento do setor.

Palavras-chave: cadeia do leite; características do produtor; agronegócio.

Abstract

The article, starting from a regional perspective, has as objective characterizes the producing of the raw material milk, of a region of the Rio Grande do Sul called "Corede Nordeste", in their relationships with the market that surrounds it. For that, it was programmed a field research with a sample of 190 milk's producers. It was verified that the producers of this region is working in the activity 15 years ago, and they presents a low education degree and the handling is exercised in 70,83% by their

* Artigo recebido em 14 set. 2009.

** E-mail: montoya@upf.br

*** E-mail: finamore@upf.tche.br

wives, including of the incomes and expenses information. It was observed that the handling and administration information received by the several agents of the market are not compatible with the market needs. Finally, was concluded that one of the main problems of the production is the price of the milk and the lack of agricultural credit with compatible interest rates with the activity milk. That fact is a difficulty to accelerate still more the development of the sector.

Key words: sector of milk production; characteristics of the producer; agribusiness.

1 Introdução

O conjunto de políticas nacionais de desregulamentação do mercado, de estabilização da economia e de abertura comercial, iniciadas no final da década de 80 e consolidadas nos anos 2000, fizeram com que a cadeia láctea brasileira passasse por mudanças estruturais profundas, uma vez que essas políticas promoveram, no setor: aumento significativo da produção; concentração industrial com implicações nas cooperativas regionais; redução do número de produtores do mercado formal, principalmente pequenos produtores; preços diferenciados para os produtores; resfriamento do leite na propriedade e ampliação da coleta do leite a granel como estratégia para melhorar a qualidade do produto; crescimento do leite longa vida e, com ele, a dependência do mercado não concorrencial da indústria de embalagens; maior participação do supermercado na distribuição do leite e, com isso, maior dependência do mercado imperfeito, com grande poder de influência no preço e nas condições de pagamento; maior influência das importações no mercado doméstico de lácteos; e aumento da concorrência em toda a cadeia de lácteos.

As mudanças estruturais na cadeia de lácteos assinalam ganhos de produtividade na produção de leite natural, em razão do maior grau de articulação com a indústria processadora. Não em poucos casos, os níveis de articulação chegam a uma integração vertical total, já que, por um lado, a indústria láctea se integra para trás, controlando e coordenando a produção de leite natural, e, por outro, os produtores de leite avançam para frente e industrializam sua produção, ou ambos os processos simultaneamente. Isso indica uma dinâmica conjunta da produção agropecuária com as agroindústrias e, em decorrência, com os agrosserviços.

Nesse contexto, a cadeia láctea gaúcha apresenta-se como grande produtora nacional, e seu nível de competitividade a situa entre as mais eficientes do País. Ela responde por pouco mais de 7% do PIB do agronegócio do Rio Grande do Sul, está fortemente vinculada ao setor urbano, detém processos produtivos modernos, e seu desempenho, dados os fortes encadeamentos com o setor urbano, são fundamentais como setor-chave para o desenvolvimento econômico do Estado.

Frente a esses fatos, a fim de compreender melhor os agentes econômicos que envolvem as atividades do setor, o artigo, a partir de uma perspectiva regional de Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes), tem como objetivo caracterizar os produtores da matéria-prima leite, do Corede Nordeste do Rio Grande do Sul, em suas relações com o mercado que o circunda.

Nesse sentido, o artigo está dividido da seguinte maneira: a seção 2 apresenta, de forma sucinta, a metodologia e a base dos dados utilizados; a seção 3 caracteriza o perfil do produtor de leite e avalia a expectativa de sucessão dos filhos na propriedade; a seção 4 analisa aspectos do mercado sobre a expectativa de preços, qualidade do leite, fontes de financiamento e fontes de informação ofertadas e demandadas; e as principais conclusões obtidas no decorrer das análises são apresentadas na última seção.

2 Metodologia

Com o objetivo de estabelecer um perfil do segmento de produtores da cadeia leiteira do Corede Nordeste, foram coletados dados, em pesquisa de campo, de uma amostra de 190 produtores de leite. A amostra cobriu

todos os municípios que produziam mais de 2% da produção de leite nessa região, segundo dados da Pesquisa da Pecuária Municipal do IBGE. A amostra foi distribuída de acordo com a participação relativa de cada município na produção do Corede Nordeste, conforme a Tabela 1.

A seguir, com base em informações do Ministério da Agricultura, da Embrapa e do Conseleite do Rio Grande do Sul, foram definidos dois sistemas de produção: sistema semiconfinado e sistema a pasto. Para cada sistema de produção, foram estabelecidos três estratos

de produção. Os resultados desses procedimentos para a distribuição final da amostra são apresentados nas Tabelas 2 e 3.

A aplicação dos questionários aos produtores foi feita no período de junho de 2006 a janeiro de 2007. Os dados levantados referem-se ao ano de 2006. Os questionários foram aplicados por um entrevistador devidamente treinado, e os produtores foram entrevistados em suas propriedades, de modo que o entrevistador pudesse avaliar as respostas dadas.

Tabela 1

Plano amostral da pesquisa sobre a produção de leite no Corede Nordeste do RS — 2006

MUNICÍPIOS DO COREDE NORDESTE DO RS	PRODUÇÃO DE LEITE (1 000 litros)	PARTICIPAÇÃO RELATIVA NA PRODUÇÃO DE LEITE (%)	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA
Lagoa Vermelha	16 424	15,63	30
Sananduva	10 845	10,32	20
Tapejara	10 699	10,18	19
Ibiraíaras	9 231	8,78	17
São José do Ouro	7 093	6,75	13
Ibiaçá	6 005	5,71	11
Água Santa	5 608	5,34	10
Paim Filho	5 569	5,30	10
Vila Lângaro	5 431	5,17	10
Santa Cecília do Sul	5 343	5,08	10
Cacique Doble	4 876	4,64	9
São João da Urtiga	4 795	4,56	9
Maximiliano de Almeida	4 455	4,24	8
Barracão	3 834	3,65	7
Machadinho	3 181	3,03	6
Muitos Capões	1 690	1,61	3
TOTAL	105 079	100,00	190

FONTE: Dados da pesquisa de campo.

Tabela 2

Participação, por estratos de produção, no total de leite produzido, segundo o sistema semiconfinado e o sistema a pasto, no Corede Nordeste do RS — 2006

ESTRATOS DE PRODUÇÃO	SISTEMA SEMICONFINADO	SISTEMA A PASTO	TOTAL
Até 100 litros	20,58	18,43	39,02
De 100 a 200 litros	15,15	11,73	26,88
Mais de 200 litros	21,15	12,95	34,10
TOTAL	56,89	43,11	100,00

FONTE: Dados da pesquisa de campo.

Tabela 3

Distribuição dos questionários da amostra, por estratos de produção, segundo o sistema semiconfinado e o sistema a pasto no Corede Nordeste do RS — jun./06-jan./07

ESTRATOS DE PRODUÇÃO	SISTEMA SEMICONFINADO	SISTEMA A PASTO	TOTAL
Até 100 litros	39	35	74
De 100 a 200 litros	29	22	51
Mais de 200 litros	40	25	65
TOTAL	108	82	190

FONTE: Dados da pesquisa de campo.

2.1 Sistemas de produção representativos

A seguir, apresenta-se a definição dos sistemas de produção representativos dos produtores, isto é, partiu-se da produtividade para classificar os sistemas de leite segundo o nível tecnológico utilizado.

Sistema de produção semiconfinado

Entende-se por sistema semiconfinado aquele no qual os animais ficam confinados com disponibilidade de alimentos e água e, em determinados momentos do dia, são levados a pasto, dependendo do sistema de manejo adotado. A alimentação básica é silagem de milho, sorgo e feno de boa qualidade, pré-secados de aveia e azevém; e os concentrados são farelos e grãos. No sistema semiconfinado, o pastoreio é rotativo, em pequenas áreas, com uso de cerca elétrica, ou divisórias fixas, e o pastejo é realizado de um a dois dias em cada área ou piquete. A alimentação é administrada em cochos, sendo à base de fenos, silagens, resíduos de colheitas, subprodutos agroindustriais (como melaço) e alimentos balanceados.

Sistema de produção a pasto

Já o sistema a pasto é aquele em que mais de 50% da matéria seca da dieta do animal vem do pastejo. Esse sistema caracteriza-se pelo uso de suplementação, ou não, de forragens conservadas, tais como silagem, feno, pré-secado e concentrado. Como no sistema semiconfinado, os animais ficam em pastoreio rotativo, em

piquetes com divisórias permanentes ou cercados eletrificados. No entanto, para produções entre 12 e 15kg de leite por vaca/dia em pastagens tropicais, é necessário suplementar os animais com forragens conservadas, de alto valor nutritivo e compostas de concentrados protéicos e energéticos. A produção de leite a pasto necessita de menos mão de obra, equipamentos e máquinas.

3 O perfil do produtor de leite e sua expectativa de sucessão na propriedade

Conforme a Tabela 4, o produtor de leite do Corede Nordeste tem idade média de 48,34 anos (próxima da idade de produtores de outros estados tradicionais na produção de leite, como Minas Gerais, que é de 50 anos). Em média, o produtor dessa região está trabalhando na atividade há 15,1 anos. O elevado capital investido, de baixa liquidez, imobiliza o produtor na atividade leiteira, razão por que ele permanece nela por tantos anos. A escolaridade média é de 4,92 anos, variando de 4,32 anos, no estrato até 50 litros/dia, a 5,80 anos, no de mais de 200 litros/dia. Ou seja, a escolaridade em todos os estratos é baixa, o que dificulta ainda mais o processo de inovação tecnológica.

Verifica-se, também, na participação média, que as esposas, em 70,83% dos casos, executam, na produção de leite, a ordenha, o manejo do rebanho e o controle de receitas e despesas. A elevada frequência do trabalho da esposa na produção de leite contribui para reduzir ainda mais o custo de produção, visto que o custo de oportunidade dessa mão de obra é próximo de zero.

A distribuição do tempo do administrador dá uma boa idéia da importância relativa das atividades na propriedade. No estrato de até 50 litros/dia, 22,76% do tempo do administrador é dedicado à pecuária de leite. No outro extremo, no estrato de mais de 200 litros/dia, 32,55% do tempo do administrador é dedicado à pecuária de leite. O que se observa é que a dedicação a atividades da propriedade agrícola é similar entre os estratos onde a produção de leite é relativamente mais importante, de maior produção, e menos importante para o de menor produção. Apesar de dedicarem a maior parte do tempo a outras atividades, do ponto de vista econômico, em média, 78,28% dos entrevistados afirmaram que, dentre as atividades agrícolas que realizam, a pecuária de leite é a mais importante.

Um dos parâmetros para se avaliar a qualidade da administração de uma empresa diz respeito aos controles por meio de registros apropriados; no caso da produção de leite, controles zootécnicos e financeiros. Os resultados da Tabela 4 indicam que, em média, apenas 2,53% dos entrevistados possuem controles informatizados, sendo que a maioria mantém registros escritos de forma manual. As anotações de receitas e despesas com o gado de leite são feitas, em média, por apenas

52,53% das propriedades entrevistadas, revelando um baixo grau de profissionalismo. Por outro lado, dos produtores que estabeleciam metas, em média, 70% deles focavam a produção de leite e 30% a produtividade. Nenhum produtor citou como meta as variáveis de receita, despesas e qualidade. Observa-se que, quanto maior a produção de leite, maiores eram as preocupações com metas de produtividade.

A seguir, a Tabela 5 mostra que, quando questionado sobre a sucessão na gestão da atividade leiteira, 58,08% dos produtores, em média, acreditam que os filhos continuarão com o gado de leite, 23,74% acham que os filhos deixarão o meio rural, migrando para a cidade, e 3,03% trocarão de atividade e/ou venderão a propriedade. Cabe salientar que, no estrato de até 50 litros, se encontra o percentual maior de indivíduos (38,36%) que deixarão o meio rural. Nesse estrato, também se verifica que somente 34,62% dos filhos continuarão com o gado de leite, e 7,69% trocarão de atividade e/ou venderão a propriedade. Em síntese, as informações sugerem que, quanto menor a escala de produção de leite, menor a rentabilidade e, portanto, o processo de sucessão mais incerto.

Tabela 4

Perfil do produtor de leite do Corede Nordeste do RS — 2006

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Idade do produtor (anos)	45,27	50,04	48,10	48,56	48,34
Tempo em que é produtor de leite (anos)	14,4	15,2	16,1	14,5	15,1
Escolaridade do produtor (anos de escola)	4,32	4,55	4,81	5,80	4,92
Frequência em que a esposa executa ordenha, registro de despesas e receitas e administração da propriedade rural (%)	76,92	71,74	70,00	68,33	70,83
Percentual de tempo destinado à pecuária de leite	22,76	28,44	30,23	32,55	29,57
Percentual de controles informatizados na propriedade	0,00	2,13	1,64	4,69	2,53
Percentual de propriedades que fazem registros de despesas e receitas com gado de leite	38,46	57,45	52,46	54,69	52,53
Percentual de propriedades que registram metas de produção de leite	100,00	66,67	72,73	66,67	70,00
Percentual de propriedades que registram metas de produtividade do leite	0,00	33,33	27,27	33,33	30,00
Atividade mais importante na propriedade em que existe produção de leite do ponto de vista econômico (pecuária de leite) (%)	53,85	74,47	85,25	84,38	78,28

FONTE: Pesquisa de campo.

Tabela 5

Opinião sobre a sucessão na atividade de leite na propriedade, no Corede Nordeste do RS — 2006

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Filhos continuarão com o gado de leite	34,62	57,45	62,30	64,06	58,08
Filhos trocarão de atividade rural	7,69	4,26	3,28	0,00	3,03
Filhos deixarão o meio rural	38,46	21,28	26,23	17,19	23,74
Filhos venderão a propriedade	7,69	4,26	1,64	1,56	3,03
Não sabem dizer	7,69	10,64	0,00	10,94	7,07
Não tem filhos	3,85	2,13	6,56	6,25	5,05
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Pesquisa de campo.

4 Relações do produtor com o mercado

Ao examinar os dados da Tabela 6, verifica-se que 62,63% dos entrevistados, em média, concordam com um sistema de pagamento de leite-padrão, mais bonificação por volume. O grau de concordância com essa regra é maior, quanto maior for o estrato de produção de leite. 53,85% dos produtores de até 50 litros/dia não concordam com o pagamento por volume. A grande frequência de produtores que não concordam com tal sistema de pagamento é decorrente da elevada sazonalidade de produção, o que se observará mais adiante. Entretanto o produtor do Corede Nordeste deve tomar conhecimento da tendência estadual de pagamentos por produção e deve ajustar seu sistema de produção a essa tendência.

O pagamento de bonificação por qualidade obteve, em média, aprovação de 96,46% dos entrevistados, opinião homogênea em todos os estratos. Para o pagamento de preço diferenciado por qualidade do leite, os indicadores mais frequentes são contagem de célula somática e contagem bacteriana total. A aplicação desses critérios ainda não está generalizada, e uma das justificativas é a dificuldade laboratorial na realização dos testes. Todavia a prática de pagamento pela qualidade deve ser abrangente nos próximos anos, já que esta é uma exigência do mercado. As indústrias, para obterem vantagens na competição com seus concorrentes, procuram diferenciar seus produtos, razão por que a qualidade da matéria-prima é essencial.

Deve-se registrar que a adoção da bonificação pela qualidade depende, exclusivamente, da indústria de laticínios, pois o produtor tem pouco poder de influenciar na adoção desse e de outros critérios de pagamento do leite. Embora a maioria concorde com o pagamento por qualidade, é provável que a contagem bacteriana total seja elevada, o que implicará penalizações ao produtor, quando o critério de pagamento por qualidade for praticado. Alguns produtores alegam que produzem com qualidade, mas o leite é misturado no caminhão com leite de baixa qualidade. O resfriamento do leite na propriedade é condição necessária, porém não suficiente, para assegurar a qualidade do leite.

Quanto ao crédito rural, 75,25% dos entrevistados, em média, responderam que o utilizaram em suas propriedades, conforme Tabela 7. Os produtores com maior nível de utilização de crédito (86,89%) são aqueles com produção entre 100 e 200 litros/dia.

Em média, a principal fonte de crédito dos produtores é oriunda dos bancos comerciais (52,02%) e cooperativas de crédito (42,47%), sendo que o destino principal desse crédito é para custeio (53,02%), seguido pelos investimentos (22,15%).

Tabela 6

Opiniões dos entrevistados sobre pagamento do leite-padrão no Corede Nordeste do RS — 2006

(%)

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Concordam com o pagamento do leite-padrão, mais bonificação por volume	46,15	36,17	70,49	81,25	62,63
Concordam com o pagamento do leite-padrão, mais bonificação por qualidade	96,15	97,87	98,36	93,75	96,46

FONTE: Pesquisa de campo.

Tabela 7

Utilização de crédito rural, fontes e tipos de financiamento

(%)

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Propriedade que utiliza crédito rural	73,08	74,47	86,89	65,63	75,25
Fonte de cooperativa de crédito	42,11	44,12	43,14	40,48	42,47
Fonte de bancos	57,89	55,88	47,06	52,38	52,05
Fonte ambos	0,00	0,00	9,80	7,14	5,48
Financiamento de custeio	73,68	60,00	45,28	47,62	53,02
Financiamento de investimento	15,79	14,29	22,64	30,95	22,15

FONTE: Pesquisa de campo.

4.1 Opiniões do entrevistado sobre produção de leite

Os dados da Tabela 8 mostram que, quando questionados sobre as razões que os levam a produzir leite, 68,18% dos entrevistados, em média, afirmam que se deve à renda mensal; 24,75%, em média, porque é um negócio lucrativo; 6,06%, em média, porque o leite combina bem com outras explorações da propriedade; e 1,01%, em média, por empregar a família.

Um aspecto da opinião do produtor sobre a produção de leite diz respeito à relação entre risco e rendimento. Uma regra básica do mercado financeiro, que pode ser expandida para outros mercados, indica que o elevado rendimento está associado a elevado risco e baixo rendimento, a baixo risco. A produção de leite é considerada uma atividade de baixo risco, razão por que

atrai muitos produtores, mesmo que não seja considerado um negócio lucrativo pela maioria dos entrevistados.

Os dados da Tabela 9 indicam que, quando perguntados sobre o que pretendem nos próximos anos com a produção de leite, as respostas mais citadas são melhorar a tecnologia e aumentar a produção, para a média de 58,59% dos entrevistados, e continuar como está, para 37,88%, em média. Apenas 3,54%, em média, responderam que pretendem abandonar a atividade. A aparente contradição entre a baixa lucratividade e o aumento da produção pode ser explicada pela importância do baixo risco da produção de leite e pela percepção de ganhar mais com o aumento da escala de produção.

Na Tabela 10, observa-se que, na questão sobre o principal problema da produção de leite (excluído o preço do leite, que não entrou na lista das alternativas), a maior frequência média de citação, de 54,26% dos entrevistados, é a falta de crédito rural, com taxas de

juros compatíveis com a atividade leiteira. Seguem-se a deficiência de informações técnicas, com 22,87%, e a deficiência de informação de mercado, com 17,02% dos entrevistados. A deficiência de qualificação da mão de obra e problemas de legislação ambiental foram citadas por 3,72% e 2,13% dos entrevistados, respectivamente.

Questionados sobre o conteúdo das informações, os entrevistados responderam que as três principais são, em média, manejo do rebanho (24,32%), seguido por gerenciamento da produção (19,46%) e por alimentação do rebanho (17,84%), como pode ser visto na Tabela 11.

Ao serem questionados sobre o conteúdo das informações acerca da produção de leite de que julgam ter mais carência (Tabela 12), os produtores responderam, em ordem de importância, que, em média, são: manejo do rebanho (28,88%), mercado do leite (19,79%), planejamento da empresa rural (16,04%) e cálculo do custo de produção do leite (14,44%).

Ao cruzar os dados da Tabela 11, que tratam do conteúdo das informações ofertadas, com os da Tabela 12, que tratam do conteúdo das informações demandadas, verifica-se que a oferta está concentrada nas questões tecnológicas, e a demanda, nas financeiras. A Tabela 11 mostra que 19,46% da média dos entrevistados afirmaram que as informações recebidas pelos produtores foram sobre gerenciamento da produção. Já a Tabela 12 mostra que informações sobre o mercado de

leite, planejamento da empresa rural e cálculo do custo de produção são consideradas escassas por 50,27% da média dos entrevistados.

O ideal seria um balanceamento da oferta, com questões tecnológicas e outras financeiras. Aliás, o produtor só será beneficiado com informação do tipo planejamento da empresa rural, custo de produção e funcionamento do mercado se, antes disso, receber informações objetivas e apropriadas sobre a tecnologia do sistema de produção de leite. O técnico, para ter competência sobre assuntos econômicos, deve, antes, dominar as questões tecnológicas.

Na Tabela 13, observa-se que, em média, para 78,28% dos entrevistados, a qualidade das informações que recebem é classificada como boa e, para 21,72%, é regular.

Conforme a Tabela 14, ao serem questionados sobre os efeitos da capacitação da mão de obra na atividade leiteira, 41,41% dos entrevistados, em média, disseram que ela contribui para melhorar a rentabilidade da produção de leite, e 14,65%, em média, que contribui para aumentar a produtividade do rebanho (litros/vaca). Observa-se que, para a média de 28,79% dos entrevistados, a capacitação de mão de obra não contribuiu para mudanças significativas na produção de leite.

Tabela 8

Razão do entrevistado para produzir leite, segundo estratos de produção, no Corede Nordeste do RS — 2006

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Tem renda mensal	73,08	72,34	68,85	62,50	68,18
É um negócio lucrativo	26,92	21,28	22,95	28,13	24,75
Combina com outras explorações na propriedade	0,00	6,38	8,20	6,25	6,06
Emprega a família	0,00	0,00	0,00	3,13	1,01
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Pesquisa de campo.

Tabela 9

Frequência com que os entrevistados pretendem, nos próximos anos, produzir leite, segundo os estratos de produção, no Corede Nordeste do RS — 2006

(%)

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Melhorar tecnologia e aumentar a produção	65,38	57,45	54,10	60,94	58,59
Continuar como está	26,92	42,55	40,98	35,94	37,88
Abandonar a atividade	7,69	0,00	4,92	3,13	3,54
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Pesquisa de campo.

Tabela 10

Opinião sobre o principal problema relativo à produção e ao preço do leite no Corede Nordeste do RS — 2006

(%)

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Falta de crédito rural, com taxas de juros compatíveis com a atividade	72,73	63,04	50,82	44,07	54,26
Deficiência de informações técnicas sobre a produção de leite	13,64	15,22	22,95	32,20	22,87
Deficiência de informações de mercado	9,09	17,39	21,31	15,25	17,02
Deficiência na qualificação da mão de obra	0,00	2,17	3,28	6,78	3,72
Legislação ambiental	4,55	2,17	1,64	1,69	2,13
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Pesquisa de campo.

Tabela 11

Principal fonte de informação recebida sobre a produção de leite do Corede Nordeste do RS — 2006

(%)

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Manejo do rebanho	29,17	30,23	15,52	26,67	24,32
Gerenciamento da produção	29,17	18,60	20,69	15,00	19,46
Alimentação do rebanho	20,83	13,95	13,79	23,33	17,84
Qualidade do leite	12,50	9,30	17,24	5,00	10,81
Melhoramento genético	4,17	9,30	12,07	11,67	10,27
Produção de leite e meio ambiente	4,17	6,98	8,62	10,00	8,11
Sanidade do rebanho	0,00	11,63	12,07	3,33	7,57
Outros	0,00	0,00	0,00	5,00	1,62
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Pesquisa de campo.

Tabela 12

Principal informação de que o produtor de leite tem mais carência no Corede Nordeste do RS — 2006

(%)

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Manejo do rebanho	18,18	44,44	23,73	26,23	28,88
Mercado de leite	22,73	24,44	18,64	16,39	19,79
Planejamento da empresa rural	40,91	6,67	18,64	11,48	16,04
Cálculo do custo de produção	4,55	11,11	16,95	18,03	14,44
Alimentação de rebanho	13,64	0,00	10,17	14,75	9,63
Qualidade do leite	0,00	6,67	6,78	4,92	5,35
Melhoramento genético	0,00	6,67	3,39	1,64	3,21
Sanidade do rebanho	0,00	0,00	1,69	3,28	1,60
Produção de leite e meio ambiente	0,00	0,00	0,00	3,28	1,07
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Pesquisa de campo.

Tabela 13

Julgamento sobre a qualidade das informações recebidas no Corede Nordeste do RS — 2006

(%)

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Boa	92,31	70,21	81,97	75,00	78,28
Regular	7,69	29,79	18,03	25,00	21,72
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Pesquisa de campo.

Tabela 14

Avaliação dos efeitos da capacitação da mão de obra pelos produtores de leite do Corede Nordeste do RS — 2006

(%)

ESPECIFICAÇÃO	ESTRATOS DE PRODUÇÃO DE LEITE (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Contribui para melhorar a rentabilidade da produção de leite	42,31	27,66	39,34	53,13	41,41
Não contribui para mudanças significativas na produção de leite	30,77	34,04	26,23	26,56	28,79
Contribui para aumentar a produtividade do rebanho (litros/vaca).....	15,38	17,02	16,39	10,94	14,65
Contribui para melhorar a qualidade da mão de obra ...	3,85	8,51	8,20	4,69	6,57
Contribui para melhorar a qualidade do leite	7,69	12,77	9,84	4,69	8,59
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Pesquisa de campo.

5 Considerações finais

O objetivo deste artigo é caracterizar o segmento de produtores de leite do Corede Nordeste do RS. Verificou-se que o produtor dessa região tem idade média de 48,34 anos, próxima da idade de produtores de outros estados tradicionais no setor. Em média, o produtor dessa região está trabalhando na atividade há 15 anos. A escolaridade média é de 4,92 anos, o que dificulta ainda mais o processo de inovação tecnológica.

Verifica-se que as esposas, em 70,83% dos casos, executam, na produção de leite, a ordenha, o manejo do rebanho e o controle de receitas e despesas, o que, por sua vez, contribui para reduzir o custo de produção, visto que o custo de oportunidade dessa mão de obra é próximo de zero.

Apesar de os produtores dedicarem a maior parte do seu tempo a outras atividades, do ponto de vista econômico, em média, 78,28% dos entrevistados afirmaram que, dentre as atividades agrícolas que realizam, a pecuária de leite é a mais importante.

Ao avaliar a qualidade da administração, verificou-se que, em média, apenas 2,53% dos entrevistados possuem controles informatizados; e as anotações de receitas e despesas com o gado de leite são feitas, em média, por apenas 52,53% das propriedades entrevistadas.

Quanto à sucessão na gestão da atividade leiteira, 58,08% dos produtores, em média, acreditam que os filhos continuarão com o gado de leite, 23,74% acham que os filhos deixarão o meio rural, migrando para a cidade, e 3,03% que eles trocarão de atividade e/ou venderão a propriedade. Em conjunto, as informações sugerem que, quanto menor for a escala de produção de leite, menor será a rentabilidade e, portanto, o processo de sucessão mais incerto.

As relações do produtor com o mercado mostraram que 62,63% dos entrevistados, em média, concordam com um sistema de pagamento de leite-padrão mais bonificação por volume. O grau de concordância com essa regra é maior, quanto maior é o estrato de produção de leite. O pagamento de bonificação por qualidade obteve, em média, aprovação de 96,46% dos entrevistados, opinião homogênea em todos os estratos. A aplicação desses critérios ainda não está generalizada, e uma das justificativas é a dificuldade laboratorial na realização dos testes. Deve-se registrar que a adoção da bonificação pela qualidade depende, exclusivamente, da indústria de laticínios, pois o produtor tem pouco poder de influenciar na adoção desse e de outros critérios de pagamento do

leite. Embora a maioria concorde com o pagamento por qualidade, é provável que a contagem bacteriana total seja elevada, o que implicará penalizações ao produtor, quando o critério de pagamento por qualidade for praticado. Alguns produtores alegam que produzem com qualidade, mas o leite é misturado, no caminhão, com leite de baixa qualidade. O resfriamento do leite na propriedade é condição necessária, porém não suficiente, para assegurar a qualidade do leite.

Quanto ao crédito rural, 75,25% dos entrevistados, em média, responderam que o utilizaram em suas propriedades. A principal fonte de crédito dos produtores é oriunda dos bancos comerciais e cooperativas de crédito, sendo que o destino principal desse crédito é para custeio (53,02%), seguido pelos investimentos (22,15%).

Questionados sobre as razões que os levam a produzir leite, 68,18% dos entrevistados afirmaram que se deve à renda mensal; 24,75% porque é um negócio lucrativo; 6,06% porque o leite combina bem com outras explorações da propriedade e 1,01%, em média, por empregar a família. Nesse contexto, a produção de leite é considerada uma atividade de baixo risco, razão por que atrai muitos produtores, mesmo que não seja considerado um negócio lucrativo pela maioria dos entrevistados.

Quando perguntados sobre o que pretendem fazer nos próximos anos com a produção de leite, as respostas mais citadas foram melhorar a tecnologia e aumentar a produção.

Sobre o principal problema da produção de leite, excluído o preço do leite, que não entrou na lista das alternativas, foi a falta de crédito rural, com taxas de juros compatíveis com a atividade leiteira. Seguem-se a deficiência de informações técnicas e a deficiência de informação de mercado. A deficiência de qualificação da mão de obra e problemas de legislação ambiental foram citados com menor intensidade.

Na comparação do conteúdo das informações ofertadas por diversos órgãos privados ou públicos do setor com os conteúdos das informações demandadas pelos produtores, verifica-se que a oferta está concentrada nas questões tecnológicas, e a demanda dos produtores, nas questões financeiras. O ideal seria um balanceamento da oferta, com algumas questões tecnológicas e outras financeiras. Aliás, o produtor só será beneficiado com informação do tipo planejamento da empresa rural, custo de produção e funcionamento do mercado se, antes disso, receber informações objetivas e apropriadas sobre a tecnologia do sistema de produção de leite.

Em síntese, pode-se afirmar que as principais contribuições dos indicadores analisados neste artigo são permitir visualizar as características dos produtores de leite do Corede Nordeste do RS, compreender sua interdependência com os agentes do mercado em que atuam e, portanto, estabelecer uma política setorial, com critérios adequados para a tomada de decisões.

RAMOS, R. L. O. **Metodologia para o cálculo de coeficientes técnicos diretos em um modelo de insumo-produto**. Rio de Janeiro. IBGE, 1996, p. 94. (Texto para discussão, n. 83).

Referências

FINAMORE, E. B.; MONTOYA, M. A. PIB, tributos, emprego, salários e saldo da balança comercial no agronegócio gaúcho. **Ensaio FEE**. Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 93-126, 2003.

FINAMORE, E. B.; MONTOYA, M. A. **Estrutura produtiva da cadeia láctea gaúcha: perspectiva regional do Corede Nordeste**. Passo Fundo, RS: EdiUPF, 2008. p. 152.

GOMES, S. T. **O agronegócio do leite**. Belo Horizonte: Ocemg; Senar, 2006.

GOMES, S. T. **Diagnóstico da pecuária leiteira do Estado de Minas Gerais em 2005**. Belo Horizonte: Ocemg; Senar, 2006.

JANK, M. A. et al. **Competitividade do sistema agroindustrial do leite**. São Paulo: Cepea, USP, 2000.

MONTOYA, M. A.; FINAMORE, E. B. Evolução do PIB do agronegócio brasileiro de 1959 a 1995: uma estimativa na ótica do valor adicionado. **Revista Teoria e Evidência Econômica**. Passo Fundo, RS: UPF, v. 9, n. 16, p. 9-24, maio 1991.

MONTOYA, M. A.; GUILHOTO, J. J. M. O agronegócio brasileiro entre 1959 e 1995: dimensão econômica, mudança estrutural e tendências. In: MONTOYA, M. A., PARRÉ, J. L. (Ed.). **O agronegócio brasileiro no final do século XX**. Passo Fundo, RS: Ediupf, 2000. p. 3-32.

MONTOYA, M. A. et. al (Org.) **O agronegócio brasileiro e dos Estados da Região Sul: dimensão econômica e tendências estruturais**. Passo Fundo, RS: EdiUPF, 2002. p. 95.

MONTOYA, M. A. et. al. O agronegócio nos estados da Região Sul no período de 1985 a 1995. **Revista Economia Aplicada**. São Paulo: USP, v. 5, n. 1, p. 99-127, jan./mar. 2001.